

NOTAS SOBRE A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI, AS ARTES E A ESTÉTICA

Notes on Vigotski's Historical-Cultural Theory, the Arts and Aesthetics

Alciane Barbosa Macedo Pereiraⁱ
alcianebarbosa@gmail.com

Instituto Federal de Goiás
Goiânia - Goiás

Aleir Ferraz Tenórioⁱⁱ
leirtenorio@gmail.com

Instituto Federal de Goiás
Goiânia - Goiás

Nataly Lopes Soaresⁱⁱⁱ
natalylopes.soares@gmail.com

Instituto Federal de Goiás
Goiânia - Goiás

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas notas sobre a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski e suas reflexões sobre as Artes e a Estética. Essa teoria é fundamental na formação de professores e por isso é abordada nas disciplinas de Psicologia da Educação, inclusive nas Licenciaturas em Artes. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de elaborar um material passível de estudo nas diferentes disciplinas que se relacionam à Psicologia de Vigotski e à Educação nas Licenciaturas em Artes. Este estudo viabiliza a ampliação do conhecimento sobre a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski e sua compreensão sobre como a formação em Artes pode ampliar o acesso aos elementos da cultura e ser capaz de promover o desenvolvimento psicossocial do sujeito em diversos aspectos como a imaginação, a criatividade, as emoções, a linguagem, a sensibilidade e a memória.

Palavras-chave: Educação. Vigotski. Arte. Estética.

Abstract

This work aims to present some notes on Vigotski's Historical-Cultural Theory and his reflections on Arts and Aesthetics. This theory is essential for the training of teachers and it is therefore addressed in the disciplines of Educational Psychology, including undergraduate degrees in Arts. A bibliographic research was carried out in order to elaborate a material that can be used in disciplines related to Vygotski's Psychology and Education in Arts Degree. This study enables the expansion of knowledge about Vigotski's Historical-Cultural Theory and how the training in Arts can expand access to elements of culture and be able to promote one's

psychosocial development in several aspects, such as imagination, creativity, emotions, language, sensitivity and memory.

Keywords: Education. Vigotski. Arts. Aesthetics.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas notas sobre a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski e suas reflexões sobre as artes e a estética. Essa teoria é fundamental na formação de professores e por isso é abordada nas disciplinas de Psicologia da Educação, inclusive nas Licenciaturas em Artes.

Vigotski (1998) defende que, desde o nascimento, a criança começa a se desenvolver a partir de suas relações com a sociedade e com o outro. Para ele, o desenvolvimento humano ocorre por meio do conceito de mediação, que é o processo em que o mundo passa a ser significado para a criança, e à medida que isso ocorre, a criança vai se tornando um ser cultural.

Silva (2009) aponta que a apropriação, pela criança, do mundo cultural pode, inicialmente, ocorrer de forma explícita, com gestos, palavras e ações e, de acordo com que a criança passa a dar significação, esse processo começa a se dar de forma implícita, sob a forma de livros, músicas, filmes, etc. Discorre ainda que no decorrer da história, o homem começou a produzir cultura e isso significa que, ao humanizar-se, o homem passou a apropriar-se da produção desta cultura. De acordo com a progressiva anexação da criança nesse universo, a arte revela-se fundamental vetor de desenvolvimento e aprendizagem, principalmente no que se refere à constituição das funções mentais superiores: atenção, raciocínio lógico, memória, concentração e percepção.

Com o fim de elaborar um material passível de estudo nas diferentes disciplinas que relacionam a Psicologia de Vigotski à Educação nas Licenciaturas em Artes, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para responder à problemática desta investigação, também conhecida como revisão de literatura, que se caracteriza pelo processo de busca, levantamento, leitura, análise e descrição de um corpo de conhecimentos elaborados sobre um tema específico (Mattos, 2015). Neste caso específico, a apropriação teórica da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, tanto por meio de leituras de obras clássicas, como daquelas de autores

contemporâneos que se apropriaram da temática das artes e da estética nessa perspectiva.

Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266) “a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”. Para ele, tal tipologia de pesquisa cria subsídios importantes para se estudar determinado assunto e o enfoque ou perspectiva teórica sobre o qual tal assunto está sendo apresentado.

Marcone e Lakatos (2007, p. 71) nos informam que a pesquisa bibliográfica abrange

[...] toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão.

Cientes disto, partimos para a seleção e levantamento das bibliografias a serem estudadas para conhecer de forma mais aprofundada o nosso universo temático. Primeiramente, buscamos compreender melhor alguns conceitos fundamentais da teoria vigotskiana e para tanto realizamos estudo em algumas de suas obras como a “Formação Social da Mente” e a obra “Psicologia da Arte”, bem como o trabalho de Leontiev (1997) sobre a contribuição de Vigotski na compreensão do processo de desenvolvimento humano. Autores contemporâneos que dão continuidade aos estudos da teoria vigotskiana foram consultados. Tais como: Pino (2000), Reis e Zanella (2014), Ribeiro e Freitas (2013); Barroco (2019); Tuleski (2009) e Palangana (2015), dentre outros.

Outras obras que marcam estudos específicos no campo das Artes foram relevantes para o estudo desenvolvido. São eles: Barroco (2019) que discute a Teoria Histórico-Cultural e a produção do homem cultural e seus processos criativos; Tuleski e Chaves (2019) pesquisadoras da Teoria Histórico-Cultural que têm evidenciado a Arte e a Ciência como formas mais elaboradas de conhecimento humano e forma de captar e expressar a realidade social. As fontes que nos proporcionaram o acesso a tais leituras foram diversas: pesquisa nas obras clássicas presentes na biblioteca da instituição a qual fazemos parte e a busca a plataformas digitais como *Scielo*, *Capes* e *Google Acadêmico*. As palavras chaves

utilizadas para a pesquisa foram: Teoria Histórico Cultural; Vigotski; Arte; apropriação cultural.

Seguimos as seguintes etapas de trabalho: levantamento dos referenciais teóricos a serem considerados para tratar a amplitude do tema; seleção destes referenciais que serviriam como fundamento para a discussão da temática apresentada levando em consideração o estudo de fontes clássicas e contemporâneas; leitura e análise do tema tendo como norte o estudo das fontes escolhidas.

Contextualizando a teoria vigotskiana

Lev Vigotski nasceu em 17 de novembro de 1896, na cidade de Orsha, na Rússia. Filho de uma família culta, esteve imerso desde muito cedo em um universo rico culturalmente. Estudou francês, hebraico, latim e grego. No ano de 1913, foi matriculado em Medicina na Universidade Imperial de Moscou por meio de um sorteio de vagas. Um mês depois, Vigotski se transferiu para a Faculdade de Direito na mesma Universidade e, simultaneamente, se matriculou no curso de História e Filosofia da Universidade Popular Chaniavski, onde obteve fundamentos sólidos em Filosofia, História e Psicologia. Morreu muito precocemente no ano de 1934 em decorrência de uma tuberculose, doença comum à sua época. Apesar de sua morte precoce, este autor nos deixa uma obra vasta e importante, a qual ainda é pouco traduzida para o Português.

De acordo com Barroco (2007, p. 289) a obra de Vigotski pode ser dividida em dois grandes períodos principais: de 1896 a 1924, quando “fez sua 1ª aparição como relevante figura intelectual” e de 1924 a 1934.

Fichtner (2019) aponta que, entre 1915 e 1917, Vigotski escreve seu primeiro artigo sobre Hamlet, que foi núcleo de seu doutorado com o tema Psicologia da Arte. Após sua formatura, Vigotski retorna para a cidade dos seus pais e, aos 21 anos, começa sua carreira profissional ensinando Literatura e russo na Escola do Trabalho, em escolas de adultos, cursos de especialização de professores, na Faculdade dos Trabalhadores e em escolas técnicas para impressores e metalúrgicos. Simultaneamente, ministrava cursos de Lógica e

Psicologia no Instituto Pedagógico sobre Estética e História da Arte no Conservatório, e sobre Teatro em um estúdio. Editou e publicou vários artigos na seção de teatro de um jornal local.

De acordo com Leontiev (1997, p. 425; *apud* Barroco, 2007, p. 201) desde que trabalhou com a Psicologia da Arte, Vigotski se deu conta da necessidade de criar uma nova psicologia. Em meados dos anos 1920, é criada a “Escola Psicológica de Vigotski” (Leontiev, 1997, p. 428). Em 1924, tal escola contava com um time de colaboradores de peso, como: A. N. Leontiev e A. R. Luria, posteriormente com L. I. Bozhóvich, A. Zaporozhets, R. Ye Liévnina, N. G. Morózova e L. S. Slavina, dentre outros. Destacam-se de Leningrado os autores D. B. Elkonin, Zh. I. Shif, entre outros. Durante os anos de 1927 a 1931, Vigotski e seus colaboradores realizaram um número expressivo de seus trabalhos. Trabalhos estes considerados de grande qualidade no meio acadêmico e científico.

Fichtner (2019) afirma que o desejo de Vigotski pela Psicologia se dá a partir do seu contato com a formação de professores e os problemas de crianças com deficiências como cegueira, atraso mental, etc. Esse interesse ficou evidente quando Vigotski, no início de sua atividade científica, examina criticamente as teorias acerca da criança *anormal* e as diferentes *anomalias* do seu desenvolvimento. Vale ressaltar que, naquele contexto histórico e social, a criança com deficiência ou déficit era definida somente pelos fundamentos da biologia, e Vigotski apresentava uma nova teoria explicativa para a natureza do desenvolvimento de crianças sob tal condição. Ele estava disposto a encontrar soluções para ajudar no desenvolvimento de crianças com essas deficiências, com o objetivo de reabilitar e também como oportunidade de compreender os processos mentais humanos.

O ano de 1924 foi o grande marco na carreira de Vigotski. Após apresentar uma palestra no Congresso Internacional de Psico-neurologia em Petrogard, Vigotski é convidado a trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou. Juntamente com Luria, publicou um artigo importante na Revista “Journal of Genetic Psychology”, em que apresentou pela primeira vez a sua teoria sobre “desenvolvimento” cultural da criança. O artigo ficou famoso como “teoria histórico-cultural”. (Fichtner, 2019, p. 12).

Entre os anos de 1924 a 1934, ano de sua morte, Vigotski teve uma vasta produção teórica e escreveu importantes trabalhos, dentre eles: A pedologia das crianças em idade escolar (1928), A história de desenvolvimento das funções psicológicas superiores (1931), Lições de psicologia (1932), dentre outros. O que comprova sua vasta produção teórica como bem relata Barroco:

[...] em seus reconhecidos dez anos de produção fecunda, encerrados pela morte por tuberculose, Vigotski elaborou cerca de 180 trabalhos, dos quais 135 haviam sido publicados até 1982, data da edição do *Tomo I de Obras Completas*, em Moscou. Leontiev expõe quanto as ideias do autor permanecem atuais, mesmo ante o ritmo intenso de produção científica própria ao século XX – e que continua no presente século (2007, p. 198).

A autora destaca que a psicologia ainda era bastante restrita na Rússia, sob o caráter acadêmico-universitário e ainda sem aplicações práticas e sociais. Diante da Revolução e por meio da inauguração de uma nova filosofia acerca da existência humana – conectada com a realidade social e material dos sujeitos, foi necessária a criação de uma psicologia voltada para os “problemas aplicados” ao trabalho. Para Palangana (2015, p. 116):

Trabalhando em uma sociedade em que a ciência, como instrumento a serviço dos ideais revolucionários, era extremamente valorizada, ele, como tantos outros, se empenhou em construir uma psicologia que viesse ao encontro dos problemas sociais e econômicos do povo soviético [...] naquele momento a União Soviética passava por um período de forte afirmação ideológica, que se reflete também nos postulados de Vigotski.

Lordelo (2019) afirma que mesmo Vigotski não sendo o pioneiro no diagnóstico de uma possível crise na psicologia que não dispunha de uma abordagem única capaz de superar os antagonismos de seu objeto de estudo, ele contribui com a primeira tentativa coerente de explicá-la do ponto de vista do marxismo. Ele parte de uma proposta de unificação da ciência e a psicologia através de uma nova metodologia. Para o mesmo, a psicologia ainda era considerada uma “pseudociência”, com correntes de pensamento diferentes e que não dialogavam entre si e muito menos com a realidade objetiva dos homens.

Criticava a tentativa de aplicação de um método de investigação herdeiro do positivismo, tradição importante no início do século XX.

Tendo como referência esta nova abordagem teórica formulada por Vigotski, buscava-se construir uma Psicologia que superasse as tradições positivistas e estudasse o homem e seu mundo psíquico como uma construção histórica e social da humanidade. Para Vigotski, o mundo psíquico que temos hoje não foi nem será sempre assim, pois sua caracterização está diretamente ligada ao mundo material e às formas de vida que os homens vão construindo no decorrer da história da humanidade (Bock; Furtado; Teixeira. 1999, p.113).

Prevalecia no pensamento de Vigotski, o entendimento de que o estudo da consciência não deveria ser secundário, mas sim, central na psicologia. Para ele uma “psicologia sem consciência” não permite um estudo aprofundado, para que se possam desenvolver métodos que permitam investigar o que não é aparente ou evidente, como os movimentos psicológicos internos, a fala interna, etc.

Tais formulações deram origem à Teoria Histórico-Cultural, que possui como um dos pilares básicos o estudo da constituição das funções psicológicas superiores que distinguem os homens dos outros animais. A origem da obra de Vigotski e a criação da referida teoria são desenvolvidas no processo dialético de construção de um novo homem, uma nova sociedade, de uma nova educação – o novo homem soviético para uma nova União Soviética que se inaugurava no período pós-guerra.

Para autores como Bock *et al* (1999) a teoria Sócio-Histórica, denominação também correspondente à teoria formulada por Vigotski, foi condicionada pela Revolução de 1917 e pela teoria marxista. No Ocidente, tal teoria teve notoriedade nos anos 1970 e se tornou referência para a Psicologia do Desenvolvimento, a Psicologia Social e para a Educação.

Barroco (2007) aponta que de acordo com o contexto russo e depois soviético de grande valorização do trabalho como meio de humanização, Vigotski expressa suas elaborações científicas baseadas em outra tese, que antes era dominada pela filosofia. No seu ver, os processos psíquicos quando fundamentados por instrumentos ou ferramentas e elementos auxiliares, assumem uma direção completamente diferente dos processos quando entregues a si mesmos.

Vigotski entendia como *processos psíquicos naturais* (a memória imediata, atenção involuntária, pensamento em imagens, etc.) e os outros como *processos psíquicos culturais* (atenção voluntária, memória mediada, compreensão, vontade, etc.). Para Leontiev (1997, p. 432; *apud* Barroco, 2007, p. 202),

Através da hipótese do caráter mediado dos processos psíquicos mediante “instrumentos peculiares”, Vigotski tratava de introduzir na ciência psicológica as diretrizes da metodologia dialética marxista, não de um modo [apenas] declarativo, senão materializado em um método. Essa é a principal característica de toda a obra de L. S. Vigotski e nela precisamente radica todo seu êxito.

Conforme Elkonin (1996, p. 387; *apud* Barroco, 2007, p. 203), o objetivo principal das investigações vigostkianas foi sobre o surgimento, desenvolvimento e desintegração das formas superiores especificamente humanas da atividade da consciência (das suas funções).

Barroco (2007) aponta que em 1930, os escritos de Vigotski já expunham dados beneficiados pela teoria mais madura acerca da aprendizagem e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Em sua ampla obra, Vigotski mostrava preocupação em produzir uma ciência que tivesse importância para a educação prática. Toda sua abordagem era voltada para uma prática social apoiada na sua visão de desenvolvimento da sociedade, procurando assim eliminar o analfabetismo e promover projetos educacionais que pudessem desenvolver as capacidades psicológicas superiores de cada criança e adolescente. Capacidades estas como resultados da apropriação da cultura, conforme pontua Barroco (2007, p. 245):

O homem cultural é aquele que, vivendo com outros homens, apropria-se e cria formas mediatas de estar no mundo, de aprendê-lo, de transformá-lo. Necessariamente vale-se da língua/linguagem para tanto e desenvolve o pensamento verbal. Este passa a regular o seu comportamento, permitindo que as suas próprias funções elementares (sensação, percepção, etc.) sejam desenvolvidas para um dado curso que o habilita a estar no mundo de modo ativo.

De acordo com Bock *et al* (1999), por meio do processo de apropriação do mundo, o homem converte o mundo externo em um mundo interno e assim vai

desenvolvendo a sua individualidade. Assim, através da mediação das relações sociais e do desenvolvimento das suas atividades, ele vai se tornando homem, individual e desenvolvendo suas possibilidades de significação do seu mundo. Para tanto, a linguagem é o instrumento fundamental nesse processo, que também é produção social e histórica, a qual o homem deve se apropriar.

Com base em Marx, Vigotski (2000) expõe que graças às ferramentas e instrumentos que o ser humano cria ou emprega, o torna superior aos animais. A sua luta pela vida o leva à criação e à aplicação de ferramentas que modificam a natureza externa, e de instrumentos que auxiliam para operações mentais, bem como conduz à constituição da linguagem.

O desenvolvimento do cérebro e das mãos do homem permite a este o “[...] âmbito de alcançáveis e possíveis formas de conduta” (Vigotski, 2000, p. 37). As mediações realizadas e sofridas pelo homem ao longo de sua história, não se fazem presentes em seu genótipo, mas com a conexão de funções culturais e mudança no cérebro, o que o torna o superior aos animais.

Para Bock *et al* (1999), Vigotski fundamentou sua teoria Histórico-Crítica com base nos princípios de que os animais não têm vida social e cultural e por isso a compreensão das funções superiores do homem não pode ser alcançada pela psicologia animal e, também, não podem ser vistos como resultado da maturação de um organismo que já possui tais capacidades. A cultura, a linguagem e o pensamento humano têm origem social e fazem parte do desenvolvimento humano, devendo assim ser integrada ao estudo e à aplicação das funções superiores. Assim sendo, ao atuar sobre a natureza com sua atividade e seus instrumentos, o homem constitui-se e se transforma.

Fichtner (2019) aponta que na abordagem Histórico-Cultural, convergem diferentes correntes e tendências para a fundação de uma nova ciência, um novo sujeito, com sua subjetividade. Essa abordagem apresenta uma riqueza de perguntas, problemas e visões, que concedem inúmeras interpretações. Essa abordagem pode assim ser entendida como uma tentativa bastante complexa de determinar o que é o sujeito em seu contexto social.

Uma das melhores definições do termo Histórico-Cultural foi dada por A. N. Leontiev, quando este afirma que “as funções naturais, ao longo do desenvolvimento, são substituídas pelas funções culturais, que são o resultado de

assimilação dos meios historicamente elaborados para orientar os processos psíquicos (1997, p. 25). Ou seja, ao longo de seu desenvolvimento, a criança vai adquirindo as funções naturais que, posteriormente, serão substituídas pelas funções culturais por meio do processo de internalização das experiências que se deram no plano interacional.

[...] é por meio do convívio com outros humanos que se torna possível a imitação, e esta permite que as objetivações que estão no plano exterior, social, sejam apropriadas, internalizadas. Lembro que o homem transforma objetos naturais em instrumentos, e estes, como objetos humanizados, passam a ser portadores da atividade humana, portadores de funções sociais. Ao conviver com os humanos e com suas produções, com seus objetos, a criança se apropria das funções sociais que lhes são inerentes (Barroco, 2007, p. 251).

Isto evidencia que a aprendizagem não ocorre apenas na presença do indivíduo que ensina, podendo ser constituída pela linguagem, por objetos culturais e situações sociais.

Os fenômenos do mundo psíquico não são naturais do mundo psíquico, mas fenômenos que vão se constituindo conforme o homem atua no mundo e se relaciona com os outros homens. O mundo social deixa de ser visto como um espaço de oposição a nossas vontades e impulsos, passando a ser visto como o lugar no qual nosso mundo psicológico se constitui (Bock *et al*, 1999, p. 122).

De acordo com Silva (2009), na teoria Histórico-Cultural as relações estabelecidas com o outro desempenham o papel fundamental no conceito de mediação e no processo de significação do mundo pela criança. A partir disso ela vai se tornando um ser cultural.

Pino (2005, p. 35) destaca a importante inovação que foi trazida por Vigotski à Psicologia, que faz da cultura “a categoria central de uma nova concepção do desenvolvimento psicológico do homem”. Cultura esta concebida como mediadora dos processos psicológicos. Vigotski (2000, p. 34) afirma que “a cultura origina formas especiais de conduta, modifica a atividade das funções psíquicas, edifica novos níveis no sistema do comportamento humano em desenvolvimento”.

Barroco (2007) destaca que Vigotski entendia por funções naturais aquelas que compõem o equipamento biológico que a criança possui no início do seu desenvolvimento, como os reflexos inatos, reações automáticas, memória imediata, etc., ou seja, tudo aquilo que a auxilia a manter uma relação de dependência com o mundo externo. Posteriormente de realização das suas necessidades básicas, apoiadas em seus sistemas relacionais percepto-sensoriais que visam o seu bem-estar biológico. Tais funções estão marcadas em sua estrutura genética e seu desenvolvimento é entendido como *biogênese*.

Já as funções psicológicas superiores ou funções culturais, podem ser entendidas como aquelas de origem social, pois elas só passam a existir no indivíduo perante a relação mediada com o outro (pessoas e aquilo que elas criam: objetos, ferramentas, processos de criação). Nesse caso pode-se destacar como exemplo a linguagem, o pensamento abstrato e o planejamento. Tais funções permitem uma conduta geneticamente mais complexa e superior às dos animais, implicando assim em um *reequipamento cultural* para se estar no mundo. Para Fichtner (2019, p. 5)

A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, constrói o funcionamento psicológico do homem. Ele pode ser compreendido como resultado de um processo histórico-cultural, em cujo centro está o uso social dos instrumentos e meios.

Isto quer dizer que à medida que os homens constroem sua própria história, eles se reconhecem, compreendem-se e explicam-se por meio de suas ações. Em uma perspectiva histórica, os homens precisam compreender-se a si mesmos, assimilando no presente a sua diferença com o passado, como forma de projetar o futuro. Tais diferenças são ofertadas pela sua atividade social, numa interação dos homens com seus instrumentos.

Autor já referenciado, Fichtner (2019), apresenta como a tese principal da teoria Histórico-Cultural a capacidade de transformação do mundo matéria por meio de relações mediadas. Para ele

[...] as relações dos homens com o mundo não são relações diretas, mas profundamente relações mediadas. A transformação do mundo material, mediante o emprego de ferramentas, estabelece

as condições da própria atividade humana e sua transformação qualitativa em consciência. A atividade do homem é pressuposto desta transformação e ao mesmo tempo o resultado dela (FICHTNER, 2019, p. 16).

Segundo Bock *et al* (1999), o homem possui necessidades e procura estabelecer novos parâmetros com a natureza a fim de satisfazer tais necessidades. Essa ação de transformação da natureza leva à transformação do próprio homem. As relações sociais vão se modificando na medida em que vão sendo satisfeitas, sendo um processo constante de transformação das necessidades e da atividade do homem para satisfazê-las, estabelecendo entre si a produção de sua existência. Esse processo histórico é construído pelo homem e é o que o constrói, fazendo-o humano.

A concepção de homem da Psicologia Sócio-Histórica pode ser assim sintetizada: o homem é um ser ativo, social e histórico. É essa sua condição humana. O homem constrói sua existência a partir de uma ação sobre a realidade, que tem, por objetivo, satisfazer suas necessidades. Mas essa ação e essas necessidades têm uma característica fundamental: são sociais e produzidas historicamente em sociedade. As necessidades básicas do homem não são apenas biológicas; elas, ao surgirem, são imediatamente socializadas. Por exemplo, os hábitos alimentares e o comportamento sexual do homem são formas sociais e não naturais de satisfazer necessidades biológicas (Bock *et al*, 1999, p. 116).

Como ser histórico e social, o homem começou a produzir cultura e isso significa que ao humanizar-se, o homem passou a apropriar-se da cultura. De acordo com a progressiva anexação da criança nesse universo, a arte revela-se fundamental vetor de desenvolvimento e aprendizagem, principalmente no que se refere à constituição das funções mentais superiores. Para Bock *et al*: “a criança humaniza-se, isto é, apropria-se da humanidade através do contato com a cultura, que é mediada pelo “outro” (1999, p. 117). E como já apontado, esta mediação se fará por intermédio e uso de instrumentos e signos culturais.

Instrumentos e signos na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski

De acordo com Fichtner (2019), os instrumentos são elementos externos ao indivíduo, construídos fora dele e sua principal função é provocar mudança nos objetos. Os signos, que também são chamados por Vigotski de “instrumentos psicológicos” são direcionados para o interior do indivíduo, dirigindo-se ao controle das ações psicológicas, seja do próprio indivíduo, seja de outras pessoas. Vigotski (1999, p. 70) afirma que a

[...] invenção e o uso dos signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e uso dos instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Mas essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares.

O signo, portanto, é uma marca externa que atua como mediador na formação da consciência, auxiliando o homem nas tarefas que exigem memória ou atenção. Fazer uma lista de compras, amarrar um cordão no dedo para não esquecer um compromisso, são alguns exemplos das inúmeras formas de utilização dos signos como instrumentos psicológicos. Assim como os signos, o seu uso depende, sempre, de um contexto social e histórico (Fichtner, 2019).

Já os instrumentos possuem uma função mediadora entre a atividade do sujeito com o objeto. Pode-se citar como exemplo de instrumento o machado utilizado pelo homem primitivo. Ele é um instrumento feito especialmente para certo objetivo (dividir a comida, carne). Portanto ele foi criado e desenvolvido durante a história do trabalho coletivo, sendo um objeto social e mediador da relação entre os indivíduos e o mundo deles. Vejamos:

Os instrumentos e os signos aparecem juntos desde o início da história dos homens. Segundo a Antropologia moderna, instrumentos e signos têm uma origem comum. Isto é: o trabalho humano. Para construir um instrumento é necessário como propósito um sistema de signos e vice-versa. Construir signos significa o pressuposto do contexto social do uso dos instrumentos, porque construir instrumentos não é um ato individual, mas, fundamentalmente, um ato social (Fichtner, 2019, p. 17).

Estudioso da psicologia vigotskiana, Pino (2005), destaca que para Vigotski, os signos e as palavras se estabelecem como o meio de contato social com os indivíduos, envolvendo as funções cognitivas e comunicativas da linguagem. Afirma ainda que, para as crianças, essas funções são as bases de “uma forma nova e superior de atividades” (Vigotski, 2000, p. 18) e o que as distingue dos animais. Neste sentido, Palangana (2015) nos adverte que:

A aquisição de um sistema linguístico organiza todos os processos mentais da criança, dando forma ao pensamento [...] além de nomear um objeto do mundo externo, a palavra também especifica as principais características desse objeto, generalizando-as para, em seguida, relacioná-las em categorias. Daí a importância da linguagem no desenvolvimento do pensamento: ela sistematiza a experiência direta da criança e orienta seu comportamento, propiciando-lhe condições de ser tanto sujeito como objeto desse comportamento (p. 120).

De acordo com Pino (2000), Vigotski entendia que os signos podem ser utilizados para indicar ou mostrar um objeto, tendo em vista sua individualidade, ou na sua função simbólica, para representar o objeto e visando sua totalidade. Nesse caso, resulta a falta do objeto, que se faz presente por meio do signo, operando como seu representante.

Para Ribeiro e Freitas (2013, p. 46:)

O ser humano está sempre apto a aprender e a se desenvolver a partir das interações com o outro, com instrumentos e com signos, fazendo relações com seu repertório pessoal. Ele se volta a um ponto anterior, buscando referências em sua memória e em seu convívio social, para então avançar construindo novos processos cognitivos.

Conforme as autoras, Vigotski afirma que o “desenvolvimento não se dá em círculo, mas em espiral, passando por um mesmo ponto a cada nova revolução, enquanto avança para um nível superior” (2007, p. 56). Ou seja, o ser humano vai se desenvolvendo e as experiências vividas ficam na sua memória e então ele avança construindo novas experiências e memórias.

Fichtner (2019) afirma que de acordo com a evolução da espécie humana, ocorre uma mudança qualitativa e fundamental na utilização dos signos. As marcas externas vão se transformando em processos internos de mediação no uso dos

signos e esse processo é chamado por Vigotski como internalização ou interiorização, que pode ser entendido como o processo de construção das funções psíquicas superiores.

De acordo com o autor e como já vimos anteriormente, as funções elementares são baseadas nas necessidades biológicas, determinadas pelos estímulos externos (ambiente) ou internos, como reflexos, reações automáticas, pensamento e memorização. Já as funções psicológicas superiores, podem ser caracterizadas pelo funcionamento psicológico típico do ser humano: ações conscientemente controladas, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, etc.

Em relação ao processo de internalização, para Ribeiro e Freitas (2013, p. 51), tal processo consistia para Vigotski

Na reconstrução interna de uma operação externa, gerando uma série de transformações, como desenvolvimento da inteligência prática, da atenção voluntária, da memória e a construção de conhecimentos. Por meio da internalização, um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal, passando do nível social para o individual. No entanto, ele afirma que essa transformação resulta de uma série de eventos, pois muitas vezes antes de internalizar-se definitivamente, o processo continua a existir e a mudar, como uma forma externa de atividade por um longo período de tempo.

De acordo com Silva *et al* (2011), para a Psicologia Histórico-Cultural, ao aprender o indivíduo não se encontra isolado. Sempre terá o envolvimento com outras pessoas, ou seja, esse processo é intersubjetivo sendo constituído pelo sujeito que ensina e pela relação entre eles. Nesse sentido, a aprendizagem não acontece apenas com a presença do outro; ela pode ser composta por objetos culturais, situações sociais e pela linguagem. Nessa perspectiva, podemos observar a importância dos mecanismos externos na formação dos mecanismos internos do indivíduo: movimentos interpsicológicos constituindo o intrapsicológico. Sobre esses movimentos, Vigotski (2000, p. 150) assim se expressou:

Podemos formular a lei genética geral do desenvolvimento cultural do seguinte modo: toda função do desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos.

Primeiro no plano social e depois no psicológico, primeiramente entre os homens como categoria intersíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica.

Esses movimentos são o alicerce para o processo de apropriação da cultura, que foi proposto por Vigotski. Processo este que se dá, primeiramente, em nível social nas relações dos humanos entre si mediados por signos e instrumentos culturais. Assim, para Ribeiro e Freitas (2013), com base nos estudos de Vigotski e Pino, o conceito de cultura envolve uma grande variedade de produções humanas, e que nelas existem dois componentes em comum: a materialidade e a significação.

As artes e a estética na Teoria Histórico-Cultural

Como relatado na seção anterior, uma das importantes contribuições vigotskianas foi sobre a Psicologia da Arte. Foi a partir dos primeiros estudos que desenvolveu sobre esta temática que Vigotski (1998) se interessou pelos estudos em Psicologia, uma vez que chegara à conclusão de que a arte era um importante instrumento cultural capaz de desenvolver processos criativos e assim contribuir com a organização psíquica dos seres humanos.

Relembrando um antigo ditado popular, a arte imita a vida. Já para o escritor Oscar Wilde, “a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida”. E de acordo com Barroco e Superti (2019), Vigotski entendia que a arte, de modo intrínseco está ligada à vida e as relações sociais vivenciadas nas diferentes épocas da nossa história. Dessa maneira, na perspectiva da Teoria Histórico Cultural, a arte está intimamente relacionada com a realidade objetiva.

Ao analisar o livro de Vigotski, Psicologia da Arte, Reis e Zanela (2013), afirmam que Vigotski propõe um novo modelo na forma de análise das obras de arte, sendo que o objeto de estudo é ela mesma, sem a limitação de estudar o autor ou espectador. Informam que ele inaugurou, em sua análise, uma nova perspectiva: psicossocial que concebia a arte como sendo um produto social e cultural da humanidade. Nesse sentido: “A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isso não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais” (Vigotski, 1998, p. 315). Os autores destacam

que toda obra de arte apresenta uma impetuosidade e visibilidade variadas, pois são materiais recolhidos pela vivência do artista, sua vida, seu momento histórico, suas trajetórias. Sendo assim, tais materiais, de forma particular, são apreendidos para quem o admira. Vejamos:

A arte está para a vida como o vinho para a uva – disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material (Vigotski, 1998, p. 308).

Barroco e Superti (2019) constatarem que, dessa forma é possível compreender que o conteúdo, o material e o estilo artístico são compreendidos da realidade e trabalhados a partir dela. Estão, portanto, ligados à história humana. Ou seja, a arte não concebe uma cópia fiel da realidade objetiva, mas algo novo que é efeito da ação criativa do homem, transformando-a em um produto cultural.

Conforme as autoras, Vigotski, partindo da concepção de estreita relação da arte com a vida e entendendo-a como produção do trabalho humano, rejeita explicações místicas ou religiosas a respeito da arte e afirma que ela não tem origem divina e sim humana e com isto os efeitos da arte só podem ser alcançados no próprio corpo do homem. Apoiado nesses princípios, Vigotski (1998) contradiz a concepção da arte como contágio, defendida por L. Tolstói (1828 – 1910), que acreditava que a função da arte era a de atingir as pessoas por intermédio do contágio - daquilo que expressa, como, medo, alegria, aflição.

Vigotski discute o quanto a função da arte vai além do simples contágio: a arte não altera apenas o humor imediato dos indivíduos, mas objetiva sentimentos e outras potencialidades humanas. Ela é capaz de provocar alterações no psiquismo dos sujeitos. Ela propicia-lhes nova organização psíquica, o que possibilita a cada um a elevação à condição de indivíduo particular, organismo até certo ponto simplista e fruto da evolução natural, à de gênero humano universal (BARROCO; SUPERTI, 2019, p. 23).

Como vimos, para Barroco e Tuleski (2019), a arte existe, na concepção vigotskiana, na condição de síntese entre o biológico e o cultural, incluindo em si um conjunto de características humanas que foram produzidas ao longo da

história por meio do trabalho e da atividade humana. Desta forma, podemos compreender a arte como produto cultural, mediador entre o sujeito e o gênero humano. Ou seja, quem produz arte, solidifica nela, complexas atividades mentais, que podem ser apropriadas por demais seres humanos. Por se tratar de uma apropriação que não é apática e mecânica, se faz necessária a mediação das relações sociais junto ao fruidor. Sendo que tais ações sociais podem ser planejadas, utilizadas e executadas por distintos mediadores, como professores e psicólogos, dentre outros.

[...] o professor, que ensinaria o complexo sistema teórico e histórico dos signos estéticos; pelo psicólogo, o qual poderia usar a arte como ferramenta para promover o desenvolvimento de diferentes funções psicológicas e da própria personalidade; bem como, conforme o próprio Vigotski (1999) anuncia, pelo crítico de arte, cuja explicação teórica do que foi produzido pode conduzir à melhor apropriação da obra (BARROCO; SUPERTI, 2019, p. 23).

Em Reis e Zanela (2013, p. 101) encontramos menção à importante afirmação de Vigotski (1999): “toda emoção se serve da imaginação e se reflete numa série de representações e imagens fantásticas, que fazem às vezes de uma segunda expressão” (p. 264). Nesse sentido, de acordo com Vigotski, as emoções são modificadas no plano da imaginação, podendo ser transformadas em imagens artísticas. O autor define as emoções estéticas como inteligentes pelo fato de manterem sua manifestação externa, transformando-as em imagens da fantasia. Desse modo, é desenvolvido o conceito de *catarse*, sendo definido como central à compreensão da reação estética.

[...] as emoções angustiantes e desagradáveis são submetidas a certa descarga, a sua destruição e transformação em contrários, e de que a reação estética como tal se reduz, no fundo, a essa catarse, ou seja, a completa transformação dos sentimentos (Vigotski, 1999, p. 270).

A catarse seria a intrincada transformação dos sentimentos, cuja ocorrência se dá por intermédio da forma artística. Como explica Reis e Zanela (2013, p. 101): “não se trata apenas, portanto, de vivenciar empaticamente o sentimento do autor, mas encontrar sua própria catarse”.

Conforme Barroco e Superti (2019) apresenta, é possível entender que a natureza social da arte carrega em si a relação com a psicologia, pois toda a relação em sociedade é formada pelos homens em suas relações sociais, através do trabalho. Deste modo, as funções psicológicas superiores vão sendo elaboradas e deixando de serem funções somente biológicas. Neste aspecto, ao se produzir arte e dela se apropriarem, as funções psicológicas dos sujeitos também são formadas e desenvolvidas e contribuindo para que cada ser humano se constitua como humano. Leiamos a afirmação das autoras:

É por meio da atividade que os homens apropriam das funções já constituídas pela humanidade e as tornam suas. Destacamos, com isso, que se o plano biológico se apresenta como condição inicial para o indivíduo nascer no mundo; é somente pelo plano cultural que ele adquire as aptidões para viver nesse mundo plenamente humanizado e que forma órgãos sociais de sentido (BARROCO; SUPERTI, 2019, p. 25).

Podemos perceber assim que não basta ter perspicácia visual, é necessário aprender a “ler” o mundo e, neste aspecto a arte literária, por exemplo, irá não somente encorajar a decifrar os signos, mas transmitir significados, oferecendo ao leitor elementos para que ele faça novas composições e novas objetivações.

Continuando na análise do Livro “Psicologia da Arte”, Reis e Zanela (2013) expõem que, nele, Vigotski levanta várias discussões acerca do tema educação estética. Para ele, o papel da educação estética não é apenas o contato com obras de arte ou a aprendizagem de técnicas artísticas, mas sim criar a oportunidade de espaços em que o sujeito vivencie a experiência estética e a elaboração do que ela causa em cada um de nós. Conforme afirma Vigotski, “a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento” (2001, p. 342).

Vigotski, já naquele momento de seus estudos, compreendia que a educação estética precisaria cumprir um importante objetivo: dar a oportunidade de viver a transformação da realidade na arte e que o sujeito possa ter a consciência de que tudo que ele possui hoje, um dia foi criado e também transformado. Assim, para Vigotski era necessário que se levasse a atividade criadora para o dia a dia das pessoas, para que todos pudessem acessá-la e que isto não fosse privilégio apenas de alguns. Ou seja, o pensamento de Vigotski era que a

atividade criadora, como resultado de um processo histórico, socialmente construído, pudesse ser por todos os sujeitos contemplados. Tudo isto porque, como já mencionamos, a arte é capaz de promover o desenvolvimento psicossocial do indivíduo em diversos aspectos, como a imaginação, a criatividade, as emoções, a linguagem, a sensibilidade e a memória. Além do que, ela pode proporcionar novas condutas de subjetivação, pois, na experiência estética, existe uma abertura à alteridadeiv. Conforme Reis e Zanella: “Seja na área da psicologia da educação, da clínica ou da psicologia social, a arte pode constituir valiosa mediação nos processos de (re) constituição do sujeito” (REIS; ZANELLA, 2013, p. 106). Assim, como aponta Tuleski *et al* (2019), são encontrados elementos na Teoria Histórico-Cultural para compreender essa “competência para ver” no sentido de assimilar, compreender e absorver os significantes e significados, adquiridos social e culturalmente.

Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo apresentar algumas notas sobre a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski e suas reflexões sobre as artes e a estética. Essa teoria é fundamental na formação de professores e por isso é abordada nas disciplinas de Psicologia da Educação, incluindo as Licenciaturas em Artes. Concordamos com Vigotski (2003) quando afirma que a criança se apropria e internaliza a cultura por meio da vivência com o outro, e a mesma constitui as funções mentais superiores em contato com a produção cultural em geral, em especial com as artes, trazendo inúmeras possibilidades de desenvolvimento destas funções e de avanço da consciência humana.

Em sua obra, Vigotski demonstrou uma preocupação em produzir uma ciência que fosse voltada para a educação prática, sendo que toda sua abordagem era voltada para a prática social, procurando dar novo sentido à educação de sua época. Para ele, a criança vai adquirindo as funções naturais e posteriormente vão sendo desenvolvidas as funções naturais por meio do processo de internalização e das experiências no qual a criança passa ao longo de sua infância, sendo que, ao

conviver com humanos e com suas produções, a criança apropria das funções sociais que lhe são inerentes.

Desta forma, foi possível observar que a aprendizagem não ocorre somente com a presença física do outro, ela é constituída pela linguagem, objetos e produções culturais e situações sociais vivenciadas pelos sujeitos ao longo de sua vida. Na medida em que a criança vai sendo anexada no universo, as artes se tornam fundamentais vetores de desenvolvimento e aprendizagem.

Deste modo, foi possível entender que a experiência vivida, de acesso mediado por outro, a arte é fator importante no desenvolvimento das funções psicológicas para patamares mais complexos. De acordo com Reis e Zanela (2013), Vigotski propôs um novo modelo na forma de analisar as obras de arte, uma nova perspectiva. Uma perspectiva psicossocial que concebia a arte como sendo um produto social e cultural da humanidade. “A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isso não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais” (Vigotski, 1998, p. 315).

Como vimos, para Vigotski, a educação estética possuía o importante objetivo de proporcionar às pessoas a transformação da realidade na arte e que o indivíduo possa ter a consciência de que tudo que hoje ele possui, um dia foi criado e modificado. Por isso que para ele, era necessário levar até às pessoas a atividade criadora, para que todos pudessem ter acesso e não sendo este privilégio somente de alguns.

Desta forma, foi possível compreender, também, que as artes são capazes de promover o desenvolvimento psicossocial do sujeito em diversos aspectos, sendo ela um importante componente curricular. A arte pode ainda proporcionar o encontro da essência da vida humana, sua historicidade e irrompendo com os paradigmas da linearidade do ensino e aprendizagem. Dessa maneira, este trabalho proporciona o alargamento do conhecimento sobre a teoria Histórico-Cultural de Vigotski e sua compreensão sobre como a formação em artes pode ampliar o acesso aos elementos da cultura e ser capaz de promover o desenvolvimento psicossocial do sujeito em diversos aspectos como a imaginação, a criatividade, as emoções, a linguagem, a sensibilidade e a memória.

Referências

- BARROCO, Sônia Mari Shima. *A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, São Paulo, 2007.
- BARROCO, Sônia. M. S.; TULESKI, Silvana. C. *Vigotski: o homem cultural e seus processos criativos*. <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT20-1742--Int>. Acesso em maio, 2019, 2019.
- BARROCO, Sônia. M. S.; SUPERTI, Tatiane. *Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano*. <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf>. Acesso em junho 2019, 2019.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade de São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.
- FICHTNER. Bernd. *Introdução na abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus Colaboradores*. Alemanha, 2010. P. 102. http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/docente/PDF_SWF/226Reader%20Vygotskij. Acesso em, maio, 2019, 2019.
- LEONTIEV, Aléxis N. Artículo de introducción sobre la labor creadora de L. S. Vygotski. In: VYGOTSKI, Lev Semiónovich. *Obras escogidas: problemas teóricos y metodológicos de la psicologia*. Tomo I. 2. Ed. Trad. José Maria Bravo. Madrid: Visor Dist. S. A, 1997.
- LORDELO, Lia da Rocha. A crise na Psicologia: análise da contribuição histórica e epistemológica de L. S. Vigotski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2011, vol.27, n.4, <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722011000400019>. Acesso set.2019, 2019.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de Pesquisa*. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.
- PALANGANA, Isilda Campaner. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski - A relevância do social*. São Paulo: Summus Editorial, 2015.
- PINO, A. *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.
- PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In: *Pensamento e Linguagem*, Cadernos Cedes, n. 24, 3 ed, Campinas, 2000.

REIS, Alice. C.; ZANELLA, Andrea. V. Arte e vida, vida e (em) arte: entrelaçamentos a partir de Vygotsky e Bakhtin. *Psicologia Argumento*. Paraná, 2014.

RIBEIRO, J. O. N; FREITAS, M. T. A. *Contribuições da perspectiva Histórico-cultural para a construção do conhecimento a partir da interação dos sujeitos com as produções culturais multimídia*. Anais da 36ª REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd, de 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, em Goiânia, Goiás. Rio de Janeiro: ANPEd, 2013 <https://anped.org.br/biblioteca/item/contribuicoes-da-perspectiva-historico-cultural-para-construcao-de-conhecimento> (acessado em outubro de 2019).

SILVA, Maria Cintra da. *Mediação cultural – reflexões a partir da Teoria Histórico – Cultural*. Pesquisa apresentada no IX Congresso Nacional de psicologia escolar e educacional (ABRAPEE), Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

SILVA, Silvia. M. C.; ALMEIDA, Celia. M. C.; FERREIRA, Sueli. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vigotski na discussão do tema. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 16, n. 2, p. 219-228, abr./jun. 2011.

TULESKI, Silvana. C.; CHAVES, Marta.; LUCENA, Jessica. E. E.; LEITE, Hilusca. A.; JUNIOR, Achilles. D. *Cinema como instrumento para a apropriação do materialismo histórico e dos conceitos da psicologia histórico-cultural*. http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo_simposio_3_658_silvanatuleski@gmail.com.pdf Acesso Maio, 2019. 2019.

VIGOTSKI, L. S. O Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, XXI (71), 21-44, 2000.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ⁱGraduada em Psicologia (Bacharelado e Licenciatura) e em Pedagogia (Licenciatura). Especialista em Psicologia Escolar e Educacional pela PUC-GO. Especialista em Educação para a Diversidade e Cidadania pela UFG. Mestre e doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Professora EBTT do IFG, Campus Aparecida de Goiânia.

ⁱⁱGraduada em Psicologia (Bacharelado e Licenciatura) e em Pedagogia (Licenciatura). Mestre e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora EBTT do IFG, Campus Aparecida de Goiânia.

ⁱⁱⁱGraduanda em Licenciatura em Pedagogia Bilíngue pelo IFG, Campus Aparecida de Goiânia. Graduada em Gestão em Recursos Humanos. Pós-graduada em Formação docente para EAD e Metodologia do Ensino na Educação Superior pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Orientadora educacional do UNINTER.

^{iv} A alteridade é o reconhecimento da individualidade e das especificidades do outro ou de um grupo. Exercer a alteridade é agir com empatia, respeito e tolerância.